

ENTREVISTA COM A ESCRITORA VERENILDE PEREIRA

Por Sandra Godinho

Sandra Godinho – Por que a jornalista e professora Verenilde Pereira se tornou escritora?

Verenilde Pereira – São vários os motivos pelos quais nos tornamos algo. Nesse caso, especificamente, um deles foi a impossibilidade de deixarmos de ser o que somos, é uma questão inclusive ontológica; em algum momento da vida, acredito, nos alojamos definitivamente em nós mesmos. E de alguma maneira, desde criança, entendia o mundo como uma imensa e interminável história mesmo com seus horrores e glórias, com seus abandonos e acalantos, seus temores e absurdos, suas guerras e o contrário. Diante desse estupor, das inquietações provocadas por tudo o que via e onde estava imersa, fui obrigada a ser uma narradora. Eu não poderia me afogar do próprio mundo e a estratégia foi contar histórias, mesmo que fossem só para mim.

Mas em outras atividades como a do jornalismo e isso é possível encontrar em reportagens nos jornais, eu já recorria à literatura.

Sandra Godinho – O seu livro *Um Rio Sem Fim* (1998) é resultante da primeira parte de sua dissertação de mestrado. Quais foram as dificuldades enfrentadas por você ao cruzar a linguagem acadêmica e a literária?

Verenilde Pereira – Esse cruzamento foi uma imposição das próprias personagens do livro. Eu respeito muito o discurso acadêmico, sua forma de elaborar teorias, conceitos, metodologia, ideias e chegar a uma determinada conclusão. Minha pesquisa era sobre a representação midiática sobre conflitos envolvendo questões indígenas e representantes do Estado brasileiro. Mas havia as memórias e experiências, havia a interrogação sobre o que a memória histórica produziu sobre a morte de alguns grupos, havia sobretudo os rostos de indivíduos/personagens que ecoavam a consistência de suas vozes, e isso foi mais forte que um gráfico com dados. A literatura foi o gênero adequado para o impasse. Contudo, é preciso esclarecer que o romance é a primeira parte da dissertação. A segunda, onde se justifica a obra literária, foi devidamente teorizada à luz de pensadores como Hannah Arendt, Walter Benjamin, Theodor Adorno, dentre outros autores da Antropologia, da História, do Jornalismo.

Sandra Godinho – *Um Rio Sem Fim* (1998) é uma das obras mais importantes da literatura brasileira contemporânea escrita no final do século XX, a qual questiona e reformula os discursos

excludentes e eurocêntricos sobre o outro, além de denunciar as violências contra os povos originários da Amazônia. Talvez, por isso, sua obra tenha sido ignorada. Entretanto, no século XXI, ***Um Rio Sem Fim (1998)*** passa a despertar o interesse da crítica acadêmica e do mercado editorial brasileiro? É possível explicar esse (des)interesse?

Verenilde Pereira – Quando o livro foi escrito assuntos como decolonialidade ou Amazônia não eram pautas mundial ou tão intensas como agora - embora obras com esses conteúdos já circulassem na época. A questão indígena sequer era pauta de jornais, as reportagens que consegui produzir foram por iniciativa e custos próprios, o contexto mundial era outro, não havia negociações como créditos de carbono, os terrores provocados pelas alterações climáticas não eram evidenciados, não havia acordos como o de Paris. Questões amazônicas não eram uma preocupação global, muito menos glamorosa. Pelo contrário, o interesse eram os saques, etnocídios e genocídios, a depredação. Isto preocupava grupos restritos que tinham muita dificuldade para repercutir estes fatos.

Nesse contexto há o fato de que o livro não foi escrito e publicado para fins comerciais dentro do esquema da indústria cultural. Sua publicação resultou da opinião de algumas pessoas que o leram e acharam ser necessária sua veiculação devido a densidade literária e as questões que ele aborda. E eu o fiz por conta própria, fui responsável pela edição, divulgação, distribuição. Os três mil exemplares foram colocados em praças públicas, em paradas de ônibus, enviados para o Amazonas, foram doados ou presenteados para pessoas que sequer o abriram.

Quanto ao desinteresse é evidente que a aceitação pela crítica passa por filtros ideológicos, políticos, étnicos, inclusive de classe. Há uma certa forma estereotipada e engessada na prática da crítica oficial.

Porém, há narrativas no mundo tão fortes ou singulares que ficam perdidas por algum tempo, mas, um dia, elas chegam a seu destino, mesmo que demorem. Talvez isso comece a acontecer agora. Foi necessário um estudioso e pesquisador da área, Rodrigo Simon, que nem conheço pessoalmente, mas que, por um acaso, leu o livro. E sua habilidade em tocar o cerne da literatura fez com que ele percebesse no livro algum potencial, o que despertou a curiosidade, inclusive das editoras. O livro, embora escrito no século passado traz à tona um presente cujo anúncio foi feito de forma irrefutável. É a literatura anunciando, sintetizando temporalidades – aquilo que foi, esse agora incontestável e o devir. Talvez isso seja um ponto que despertou interesse. Até os sebinhos aumentaram o preço e já não há mais exemplares da primeira edição com toda a aura da capa, do prefácio, da apresentação.

Sandra Godinho – A tese de José Benedito dos Santos discorre sobre a emergência da escrita de mulheres na literatura amazonense contemporânea e destaca a desconstrução da representação feminina nas obras literárias produzidas por mulheres escritoras do Amazonas. No entanto, o pesquisador não encontrou seu nome inscrito na historiografia e nem tampouco na crítica literária amazonense/brasileira. Você tem uma possível explicação para o apagamento/esquecimento da sua obra e de seu nome da cultura brasileira?

Verenilde Pereira – Acho que antes do apagamento ou esquecimento existe inclusive o desconhecimento sobre a existência do livro. Mas também a indiferença ou suposta indiferença, o não gostar de uma obra é normal, a obra literária não é produzida para agradar ou desagradar. O fato de meu nome não estar inscrito na historiografia não significa que o livro não tenha sido lido – mesmo que por um número reduzido de pessoas - e é isso o importante. Ainda assim já há um significativo número de estudos, pesquisas acadêmicas sobre ele, textos críticos, análises etc. há estudantes de letras que o transformaram em objeto de pesquisa com recortes na questão de gênero, da colonialidade, das religiões, dos desmontes das cargas simbólicas da linguagem provocadas pela dominação. Isto já é suficiente para mim. Se meu nome não está inscrito na crítica amazonense é uma questão que deve ser feita às pessoas responsáveis pelo levantamento. Se existe a falta de um levantamento cuidadoso, elaborado ou mais completo não é descuido meu. Mas o livro deverá ser publicado em outras línguas, importa aos personagens que eles percorram os mundos onde podem ser compreendidos para além da inscrição do autor em alguma instituição ou levantamentos. A obra é mais poderosa que outras fragilidades ou, quem sabe, más intenções.

Sandra Godinho – No campo dos estudos literários, o acesso à voz e ao poder de representar a si mesmo, no que diz respeito aos grupos marginalizados, como as etnias indígenas e negras, tem sido uma problemática cada vez mais debatida. Você como filha de mãe negra e pai indígena da etnia Sataré-Mawé, educada na cultura do colonizador, escreve sua obra literária na dobradiça de três culturas distintas (afro-indígena, afro-brasileira, europeia), sem perder o sentimento de pertença a sua cultura de origem. Explique-nos sobre os desafios de ser uma mulher intelectual afro-indígena, amazônica, brasileira, em uma sociedade misógina e racista como a nossa?

Verenilde Pereira – Um dos desafios primários nesse contexto é sobreviver fisicamente, o que já é uma grande vitória, pois carregamos os signos dos que devem ser submissos, os signos dos subalternos. É necessário não se deixar aniquilar totalmente como sujeito e buscar esquemas de proteção; nesse sentido a escrita, a literatura para mim surgiram

como sustentação. Para esses enfrentamentos, onde agressões são sistemáticas e variadas, foi necessário, desde cedo, acionar o alerta contra as sequelas produzidas pelo racismo, pelas desigualdades, pelas opressões. O cuidado consigo, a busca da elaboração pessoal que impedisse a anulação total da minha palavra e para que eu evitasse repetir contra outros sujeitos as mesmas injustiças foram condições essenciais para enfrentar as dificuldades.

Pessoas que contam histórias parecem carregar um radar que, quando acionados, captam as hostilidades, os ranços dos preconceitos, das divisões de classes e esses ingredientes surgem em todas as instituições, entre as profissões, grupos etc. Eu não permiti que um modelo de subjetividade colonizadora me livrasse da escrita - quer jornalística, ensaística, literária além de ações políticas mais concretas via movimentos de resistência. Lógico que os percalços são imensos, doloridos, revoltantes - se algum dia literalmente te prendem em uma cela é porque houve algum acerto no alvo contra esses poderes tiranos. É claro que sobreviver, escrever e ainda produzir literatura é um desaforo para alguns grupos. Como se houvesse um acordo: não divulgue o que ela escreve, não mostre, e se possível, que ela se jogue nas águas do rio negro, como me foi sugerido.

Não posso deixar de lado a colaboração de pessoas que, apesar da pele branca e oriundas de países colonialistas, mas dotadas de espírito, de sentimento de justiça de sensibilidade com os povos mais fragilizados, colaboraram profundamente comigo. Nem toda pessoa com pele branca é inimiga, não é? É preciso urgentemente não confundir cor da pele com ideologia. Ainda sobre essa questão, eu não me considero uma intelectual embora tenha convivido com pessoas que se situam nesse mundo por esse viés. São pessoas capazes de considerar, explicar, ajudar a compreender fenômenos do mundo através do encadeamento e da elaboração de novos conceitos, o que é maravilhoso. Mas minha janela para a observação do mundo é diferente.

Sandra Godinho – Como você percebe o panorama editorial no Brasil, considerando a produção literárias de mulheres escritoras negras, afro-brasileiras, indígenas, afro-indígenas? É mais fácil escrever e publicar hoje no Brasil? Se não, quais são os maiores entraves?

Verenilde Pereira – Acho ser mais favorável o panorama, dentre outros motivos devido a força dos movimentos sociais que inibem o mercado editorial a excluir estes segmentos. Obviamente que a literatura, como as artes em geral, não pode depender ou até ser acorrentada ou rotulada apenas pelos prismas raciais, de gênero etc... Como arte a literatura passa por essas questões, carrega o olhar de autores nessas situações e isto é enriquecedor. Mas é necessária uma preocupação com a linguagem, com a estética não apenas como ornamento, mas, como

artifício para que, através de personagens singulares, seja possível universalizar de alguma maneira a condição humana.

Sandra Godinho – Com a eleição do filósofo e escritor indígena Ailton Krenak, para Academia Brasileira de Letras, quais são suas expectativas em relação à produção intelectual produzida pelas minorias étnicas?

Verenilde Pereira – Como ele mesmo disse, sua entrada na ABL representa antes de tudo uma reparação histórica; obviamente isso tem uma carga política e simbólica muito expressiva., afinal a ABL é uma instituição de poder. Mas não sei se isso será capaz de suprir uma demanda tão grande desses povos que antes de tudo necessitam resistir inclusive fisicamente, para que a produção literária seja possível. Eu penso nos grupos à margem da visibilidade e às margens da produção literária nos moldes da cultura ocidental. Lembro os que vivem no sistema da oralidade, mas cuja cosmogonia é de uma riqueza literária impressionante. Mas esse ingresso na ABL é uma forte sinalização para valorização de escritores, poetas, artistas indígenas cujo potencial foi injustamente apagado e excluído.

Sandra Godinho Afastar-se de seu local de origem, de sua cultura etc. a fez ressignificar sua identidade? Houve mudanças significativas no seu modo de ser, na sua essência?

Verenilde Pereira – Evidentemente que não, caso isso tivesse ocorrido eu não escreveria da forma que escrevo, esse é um dos primeiros sinais. Além da própria condição na qual nasci, toda minha trajetória – seja como ativista e participante de movimentos de resistência, seja como acadêmica e jornalista, seja nos meus trabalhos de assessorias ou na minha produção literária, há uma ligação intrínseca às minhas origens. Não tive experiências quanto a crises de identidade. Fui professora em seringal e em faculdades com alunos pertencentes a elites econômicas, fui e continuo atuando em movimentos de resistência, fui jornalista tanto na imprensa hegemônica quanto em jornais alternativos, minha produção acadêmica e literária sempre tem a marca forte e profunda de alguém que não se desvencilhou de si mesma. Às vezes, para alguns, isso é até criticado como uma postura radical. Não perdi minha consistência sequer nas circunstâncias mais tensas, difíceis, perigosas diante das quais, se agisse de outro modo, poderia inclusive ter tido vantagens materiais. Agora lembro Frantz Fanon quando diz que no mundo colonial a afetividade do colonizado é mantida à flor da pele como uma chaga viva que foge do agente cáustico. Eu tive minhas formas eficazes de resistência e com os custos que isso provoca.

Sandra Godinho Você acredita que a literatura seja importante para ajudar a criar uma consciência político-social?

Verenilde Pereira – A literatura é um instrumento político. O processo pode começar quando há de se lidar com as regras da língua, às vezes fascista, com sua gramática, vocabulário, suas regras. Mesmo com as licenças poéticas pode existir embates: como fazer personagens se pronunciarem quando o que têm a dizer escapa às normas da língua? Tais personagens silenciam, murmuram algo inaudível? Como romper com essas molduras quando personagens não as suportam? A literatura a priori, pode não ter obrigação de ser engajada, libertária, ser prescritiva etc. Mas é um discurso tão forte e singular que é sempre política porque estabelece um jogo de relações entre personagens, indivíduos. É neste “entre” que a política se pavimenta. Se há escritas onde um determinado lado predomina ela pode ser definida como existencialista, marxista, de direita ou esquerda e por aí vai, sem esquecer que há uma infinidade de interpretações. A literatura tem o poder de criar uma consciência político-social, mas também seu contrário, é preciso atenção porque algumas vezes, em uma obra, há um enunciado antirracista, anticolonial, mas a estrutura de um texto pode manter o status quo e desinformar, alienar.

Sandra Godinho Qual a importância da literatura de autoria feminina no Brasil/mundo de hoje? Em que ela pode agregar?

Verenilde Pereira – Apesar das mudanças, ainda continua no mundo a visão da incompletude das mulheres. A maior credibilidade dos saberes produzidos sobre nós ainda é masculina; a literatura interfere como potência para trazer as problemáticas singulares desse gênero. São questões angustiantes e aniquiladoras que sustentaram essa falsa inferioridade e que através da literatura foram enfrentadas por grandes escritoras que romperam a condição do total silenciamento. E pagaram um preço alto por isso – lembremos Virginia Woolf, que em várias de suas obras e para além de um Teto todo seu expressou a precariedade simbólica construída em torno do feminino. Ou seja, o espaço do nada absoluto, a mulher como um nada. Pela via literária várias mulheres confrontaram essa tentativa sistemática de aniquilação - Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis foram revolucionárias nesse aspecto, ao produzirem literatura. A escrita produzida por mulheres é como uma teia que enlaça o leitor para preencher esse oco como sempre fomos produzidas e interpretadas. Lembro que nenhuma das personagens femininas do livro *Um rio sem fim*, embora cheguem prestes a sucumbir, não morrem sequer metaforicamente. Elas não são totalmente aniquiladas, são simbolicamente

resgatadas através da escrita literária que recolhe até seus silêncios, suas sofreguidões, suas reticências e murmúrios. Como acontece com Laura Dimas e suas perguntas sobre a memória, como acontece com os risos de Rosa Maria, como acontece com Maria Assunção e sua afeição pelas narrativas. São personagens femininas que não emudecem totalmente, o que para Hannah Arendt seria a violência em seu estado puro, o que ocorre quando o sujeito é totalmente emudecido, totalmente danificado. São mulheres que, de forma lírica, violenta, ou não, evidenciam e desmontam uma arquitetura colonial, como ocorre na vida cotidiana. Através da literatura evitam a pura violência e resgatam suas historicidades.

Recebido em: 29/11/2023

Aprovado em: 10/12/2023

Publicado em: 09/04/2024



10.29281/r.decifrar.2023.3a_19